

Boa tarde,

<saudações formais>

Aos meus colegas formandos, mais do que um “boa tarde”, eu gostaria de lhes dar um triplo, caloroso e fraternal abraço de congratulação, de júbilo e de esperança no futuro que, a partir de hoje nós vamos ajudar a construir e que muitos de nós já vimos construindo há muitos anos de dedicação à Educação.

Esse breve discurso será pautado em 4 tópicos: Gratidão, Reflexão/Ação, Mudança e Respeito.

Todo discurso que se relacione a um marco de passagem deve começar pelos agradecimentos. A gratidão verdadeira é um dos sentimentos mais prazerosos que um ser humano pode experimentar. Ser grato é enobrecedor, fortalece e abre as portas para se obter ajuda sempre que necessário, porque nós não conseguimos nada sozinhos.

Como orador, eu tenho a prerrogativa de fazer um agradecimento especial e eu farei três: à minha esposa, Tatiana Escobar, que está ali. Muito obrigado, por ter sido uma peça fundamental, uma coluna firme na construção desse edifício que é a minha graduação em Pedagogia.

Através dela e em nome de todos, eu agradeço a todos os pais, mães, irmãos, irmãs, companheiros e companheiras, maridos e esposas, parentes em geral, amigos e amigas que estiveram ao nosso lado nessa caminhada. Aos que estão aqui, nosso reconhecimento especial, por terem conseguido arranjar tempo numa tarde de segunda-feira, o que não diminui o valor de quem não conseguiu.

Muito obrigado às professoras Solange Lucena coordenadora do núcleo EAD da UERJ, e Rosa Carvalho, ex-diretora do pólo Maracanã do CEDERJ, através das quais eu agradeço a todos os responsáveis por nos orientar e apoiar nessa nossa caminhada: a todos do CEDERJ, da presidência aos secretários, passando pelos desenvolvedores da plataforma e do SISTACAD e da UERJ que colaboraram direta ou indiretamente para essa nossa vitória.

Obrigado aos colegas de turma, que estudaram junto, que trocaram e-mails e whatsapps, que lutaram juntos, sofreram, riram, dormiram tarde, acordaram cedo... não foi fácil, mas chegamos lá. (ou aqui...)

E não seria possível falar em gratidão e agradecimento sem falar de fé. A fé é um elemento inquestionável de força.

Assim, gostaria de suscitar a todos, meus colegas em especial, que agradecessem, hoje e sempre, em todos os momentos, ao Deus que habita em seu coração, ao Deus que a

sua compreensão alcança e para os que não creem, que se sintam gratos, a todos que lhes derem apoio e conforto.

Eu estava num dos seminários do nosso curso e a tutora, de repente falou assim “Vocês estão sonhando, se acham que a Educação vai mudar o mundo. A Educação não vai resolver os problemas do mundo.”. Após um silêncio um tanto embaraçoso, eu disse: Isso é muito difícil de digerir, o que você acabou de dizer.

Sob um determinado ponto de vista, eu continuei, você pode até ter razão. Não é a Educação Formal, da Escola, sozinha que vai resolver os problemas do mundo, mas é, sim, e eu não tenho dúvidas a Educação, no seu sentido mais amplo, a que se ganha em casa, no trabalho, no ponto de ônibus, a educação que dá consciência e senso moral, que dá responsabilidade, que é o remédio para todas as doenças sociais que afligem a humanidade.

E o pedagogo tem, talvez, a missão mais difícil (ser profissional da Educação não é uma profissão, é uma missão!), porque o pedagogo tem, na maioria das vezes, que “ser o chato”, aquele que cobra o comprometimento, alinhamento com a política da escola, trabalho em equipe, dentro e muitas vezes fora do universo escolar e acadêmico.

Não à toa, já temos colegas pedagogos atuando em empresas, associações desportivas, escolas de samba, hospitais, até em igrejas...

A reflexão é simples: A Educação é, sim, o bem mais precioso que o ser humano possui e a Escola é um catalisador de potenciais, ela acentua a visão crítica e a consciência de que não estamos sozinhos na sociedade, de que precisamos respeitar e conviver, interagir, com pontos de vista diversos do nosso, que o mundo não pode e não precisa ser bom apenas para uns poucos.

E isso precisa ser convertido em ação, porque ainda não vivemos completamente uma Educação inclusiva, crítica, formadora e não conformadora...

Nós vivemos numa época de turbulência, de mudança.

Houve um tempo, que para muitos ainda não acabou, em que a Escola tinha a prerrogativa de ser proprietária do conhecimento formal. Tinha a pretensão de suplantar a própria educação familiar, de transformar as pessoas em iguais, desde que não houvesse motivo para que fossem excluídas, como necessidades especiais, por exemplo...

A Escola, desde o infantil (que nem existia) ao doutorado, era um corpo à parte da sociedade, com suas regras rígidas, no seu mundo ideal, de teorias.

Felizmente, ocorreu uma Revolução Tecnológica.

Mais do que ferramentas espetaculares de trabalho, mais do que utensílios e dispositivos que a cada dia nos surpreendem mais, a face mais visível e mais tocante dessa revolução é a internet.

Sobre a grande rede, a Prof^a Emília Ferreiro disse:

O trabalho na internet exige rapidez na leitura e muita seletividade, porque não se pode ler tudo o que está na tela. E a capacidade de selecionar não é algo que, há alguns anos, fosse uma exigência importante na formação do leitor. (...) Eles (os jovens) aprenderam a usar a internet sozinhos e rapidamente, sem instrução escolar nem paraescolar. Eles conhecem essa tecnologia melhor que os adultos — os alunos sabem mais do que seus mestres. Essa é uma situação de grande potencial educativo, porque o professor pode dizer: "Sobre isso eu não sei nada. Você me ensina?" A possibilidade de uma relação educativa realmente dialógica é fantástica. (Ferreiro, 2001)

Se, antes, a escola e a academia eram os detentores da informação e do conhecimento, agora a informação está disponível, em larga escala, para uma imensa quantidade de pessoas, cada vez mais rápida e facilmente acessada. A internet trouxe voz e deu espaço às mais variadas formas de pensar, das mais variadas origens e possibilitou às pessoas formarem o seu próprio conhecimento.

Esse diálogo a que se refere a professora Ferreiro, é fácil de se entender. Enquanto o aluno aprende mais rapidamente a lidar com a tecnologia e pode transmitir isso para o professor, ele (aluno) ainda precisa do professor para ajudá-lo a lidar com a informação... E o professor precisa entender que o aluno formará um conhecimento próprio que não mais precisa ser um espelho do conhecimento do professor.

Nós pedagogos, devemos estar preparados para encarar essa mudança juntos com todos, entendendo, também nós, que todos têm o direito à sua individualidade.

O que nos faz iguais, é justamente o fato de sermos únicos, indivíduos, com percepções, anseios e ações únicas, ainda que semelhantes.

Isso traz o último tópico desse discurso que é o respeito.

O respeito é um sentimento que precisa muito de outro: a autoestima. Muitos professores, muitos diretores, muitas Escolas estão tendo alguma dificuldade para se adaptar a esse novo paradigma de relacionamento com a informação e o conhecimento.

A sociedade também ainda não percebeu totalmente que o fato de não precisar mais do professor para adquirir informação ou mesmo conhecimento, não significa não precisar mais do professor.

O negativismo da tutora que citei ainda há pouco, é, infelizmente, compartilhado por muitos colegas e muitos diretores e muitas escolas.

A escola não pode aceitar passivamente o papel de “fornecedora de diplomas”, a academia não pode continuar fechada em si agindo como se o mundo à sua volta fosse uma coleção de constantes numa única equação e não uma coleção de equações com muitas variáveis cada, sob o risco de perderem, escola e academia, o respeito da sociedade.

A forma como vimos (todos, escola, sociedade) em uma porção significativa reagindo a este novo paradigma afeta a autoestima dos profissionais da educação que, com a autoestima baixa, acabam por perder o respeito por si próprios.

A falta de autoestima é a mãe da intolerância, que é o desrespeito em sua expressão máxima. Se não temos respeito por nós mesmos, como vamos respeitar o outro e sua opinião e suas urgências e suas vulnerabilidades?

Seria bom se nós, não apenas os formandos, todos nós! Saíssemos daqui hoje, com a visão de que o profissional da educação merece ser respeitado como outro qualquer profissional. O fato de trabalharmos, majoritariamente, pelo amor à profissão, não faz, por exemplo, com que prescindamos de remuneração, além do reconhecimento.

Vamos sair daqui e ir para as escolas e universidades, levantar a bandeira do respeito, da convivência harmônica, da inclusão e da cooperação no lugar da competição.

Vencer é importante, mas igualmente ou mais importante, é jogar limpo.

Eu comecei com a gratidão e vou encerrar com a gratidão. Se me derem mais 40 segundos, antes da música começar a tocar e alguém me levar pelo braço, eu quero compartilhar com vocês uma epifania do professor Antônio Nóvoa, ex-reitor e catedrático da Universidade de Lisboa, numa passagem pelo Brasil.

Pensando sobre um agradecimento que deveria fazer, veio à mente do Professor Nóvoa o Tratado da Gratidão de São Tomás de Aquino, que muitos aqui devem conhecer. Neste tratado, a gratidão se apresenta em três níveis:

Um primeiro mais superficial, é nível do reconhecimento intelectual daquilo que foi feito ou que foi dado.

O segundo, é um nível intermediário, onde se é grato, se dá uma graça, se dá uma mercê a quem nos deu ou nos fez alguma coisa.

O terceiro nível, é o nível mais profundo, é o nível do vínculo, da ligação de um compromisso, um afeto que se cria entre quem recebeu e quem ajudou.

Em inglês ou alemão, quando se agradece, quando se diz Thank you, Zu Danke, está-se agradecendo no primeiro nível, no nível racional.

Na maioria das outras línguas européias, ao se agradecer, está-se no segundo nível, você diz Gracias, Merci, Grazie... dando ao outro uma mercê, uma graça, pela ação.

Só em português quando se agradece, você o faz no terceiro nível do tratado de São Tomás de Aquino, no nível mais profundo. Você diz: "Obrigado ou obrigada". É isso mesmo o que significa: você declara que fica obrigado ou obrigada a retribuir na medida de suas possibilidades e de suas forças, fica vinculado a quem lhe deu ou lhe fez alguma.

Assim, nós sairemos daqui hoje, obrigados a todos que nos ajudaram, a nos comprometer, a lutar com todas as nossas forças por uma Educação melhor, para que, quem sabe, em vez deixarmos um mundo melhor para nossos filhos, que nós possamos deixar filhos melhores para nosso mundo. É neste sentido que eu digo a todos em nosso nome: Muito obrigados!